



FACULDADE CESMA DE MARACANAÚ
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FRANCISCA CRISLÂNIA AQUINO DE SOUSA

TEA E ABA NA PRÁTICA ESCOLAR

MARACANAÚ – CEARÁ
2022

FRANCISCA CRISLÂNIA AQUINO DE SOUSA

TEA E ABA NA PRÁTICA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de curso para a aprovação do TCC apresentado a Faculdade Cesma de Maracanaú - FACESMA, como requisito parcial para a obtenção de nota.

Orientador (a): Dra. Carla Poennia Soares Gadelha

MARACANAÚ – CEARÁ
2022

TEA E ABA NA PRÁTICA ESCOLAR

Francisca Crislânia Aquino de Sousa¹

Resumo

O autismo é um distúrbio do neurodesenvolvimento, que afeta pessoas de diferentes formas e níveis na área da socialização, comunicação e no comportamento. Houve um grande aumento nos casos de autismo, este aumento considerado, trouxe consigo uma sensação de estarmos tendo uma epidemia de TEA, originando assim muitos medos, dúvidas e incertezas para famílias e principalmente para professores que veem como um desafio a inclusão desses alunos em sala de aula, pois requer adaptações e estratégias diferenciadas. Piorando pelo o fato que, poucos conhecem as características do autista, ocasionando a demora ou a falta de acompanhamento necessário. O professor, no entanto, tendo um olhar mais amplo e observador poderá ser o mediador para que os autistas tenham a inclusão na sociedade e seus direitos assegurados, porém para isso, precisamos conhecer as leis que amparam nossas crianças e adolescentes, principalmente no meio educacional. Como professores devemos estar cientes das leis e políticas públicas e métodos voltadas para pessoas com deficiência e assim incluí-los na sociedade. A ABA (Applied Behavior Analysis ou Análise do comportamento Aplicada) é uma aplicação científica voltada a compreender e melhorar o comportamento humano podendo ser uma forte aliada em sala de aula ajudando a entender e a como atender crianças autistas em idade escolar.

Palavras-chave

Autismo. Inclusão. Direitos Análise Comportamental.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos houve um aumento considerado na incidência de TEA (transtorno do espectro autista); segundo dados de 2021 do CDC (Central of Disease Control) o qual mostra como a prevalência de TEA mais do que duplicou nos últimos anos, onde em 2000 - 2002 era de 1 criança a cada 150, cresceu para 1 criança a cada 44, segundo dados do relatório de 02 de dezembro de 2021. Embora seja um tema escasso de informação para a maioria das pessoas, há mais crianças no mundo com TEA do que com aids, câncer e diabetes juntos.

Este aumento considerável trouxe consigo uma sensação de estarmos tendo uma epidemia de TEA, originando assim muitos medos, dúvidas e incertezas para famílias e principalmente para professores que veem como um desafio a inclusão desses alunos em sala de aula, pois requer adaptações e estratégias diferenciadas. SERRA (2010) salienta que quanto mais cedo for feito o diagnóstico de Autismo, mais cedo à criança será encaminhada para a estimulação precoce e poderá receber a ajuda necessária no seu desenvolvimento.

1

É pensando nisso que o presente trabalho irá discorrer sobre formas de se atender estes alunos. Utilizando-se da ABA siglas em inglês para análise comportamental aplicada; forma de intervenção mais recomendada e com maior evidência científica para crianças autistas. Com o propósito de colher informações e levar os conhecimentos da análise comportamental para o magistério; saindo dos consultórios terapêuticos para a realidade de sala de aula e popularizá-lo no meio pedagógico.

Entretanto explicar o que é o Transtorno do Espectro Autista, quais as principais características, seus níveis, como atender o indivíduo com TEA em sala de aula e esclarecer o que consiste o método ABA, como surgiu, para o que é indicado e como podemos utilizá-lo na educação. Como professores, devemos estar cientes das leis e políticas públicas voltadas para a inclusão de pessoas com deficiência. E nesse trabalho iremos focar nas leis, políticas públicas e métodos do ensino ABA voltados para o Transtorno do Espectro Autista. Não para minimizar ou desmerecer outras síndromes ou transtornos de aprendizagem e desenvolvimento, mas para trazer um olhar de empatia as crianças com TEA, professores que lidam diariamente com essas crianças e aos pais que não entendem, mas que buscam melhor compreender e aprender formas de como desenvolver o cognitivo e o social dessas crianças e adolescentes.

DEFINIÇÃO DO QUE É O TEA

O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades e também sensibilidades sensoriais. Afetando as pessoas de diferentes formas e níveis na área da socialização, comunicação e comportamento.

É importante destacar que segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) 70 milhões de pessoas no planeta estão dentro do espectro do autismo. Com um número tão significativo de casos, levanta-se a questão do quão necessário e urgente é a conscientização e a utilização de meios e métodos eficazes para auxiliar essas pessoas.

A prevalência estimada é de 1% e 2% de crianças e adolescentes em todo o mundo, segundo diversas pesquisas internacionais realizadas na Europa, Ásia e EUA. Onde a maior incidência de casos se revelou em pessoas do gênero masculino, sendo 4 meninos autistas para

cada 1 menina, segundo estudo de 2018 realizado pelo CDC (Centro de Controle e Prevenção de Doenças)

Nos últimos anos, houve um aumento aparentemente acelerado. Dados das estatísticas do CDC (Central of Disease Control) mostram que a prevalência de TEA aumentou de 1 em cada 150 crianças em 2000 – 2002, para cada 1 em cada 68 crianças durante 2010 – 2012 e 1 em cada 59 crianças em 2014, e dados de março de 2020 alcançou-se a marca de 1 em cada 54 crianças. Isso significa que a incidência de autismo mais que duplicou em 12 anos e teve um aumento de 16% em apenas dois anos, entre 2012 e 2014 e 9% em um período de 6 anos até 2020, chegando a 1 entre cada 44 no último relatório de 2021.

Embora este aumento possa ser explicado pela mudança na forma e nos critérios de diagnósticos, o aumento no número de médicos especializados, a difusão dos conceitos adequados do transtorno e maiores recursos apoiando a causa do TEA por meio de pesquisas e informação de centros especializados, a prevalência continua aumentando, e ainda há muito que fazer, e pode-se iniciar compreendendo o que é e quais as características, buscando meios para melhor atendê-los.

Com a grande exposição da mídia e o aumento nos diagnósticos, quase todos já ouviram falar sobre autismo, seja sobre o filho de algum conhecido que tenha sido diagnosticado ou até mesmo, sobre o filho do artista Marcos Mion que inclusive, tem uma lei voltada para pessoas com TEA com o nome do seu filho, a Lei Romeu Mion. A Lei 13.977 foi sancionada em 8 de janeiro de 2020, que cria a Carteira de identificação da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), que deve ser emitida de forma gratuita, sob a responsabilidade de estados e municípios. Alterando também a Lei Berenice Piana que instituiu a Política de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. O Ciptea deve assegurar aos portadores atenção integral, pronto atendimento e prioridades no atendimento e no acesso dos serviços públicos e privados, em especial nas áreas de saúde, educação e assistência social de acordo com o site do Senado.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E LEGISLAÇÕES

O decreto nº 7.611 declara que é dever do estado garantir um sistema educacional inclusivo em todos os níveis e em igualdade de oportunidades para alunos com deficiência de aprendizado ao longo da vida; oferta de apoio necessário no âmbito do sistema educacional geral, com vista a facilitar sua efetiva educação.

A lei Berenice Piana, também conhecida como lei do Autismo, foi criada para auxiliar pessoas dentro do espectro do autismo. A lei leva o nome de Berenice Piana, mãe de um rapaz autista, que desde que recebeu o diagnóstico do seu filho luta pelos direitos das pessoas com autismo.

Ao estudar por anos sobre o assunto sugeriu ideias para a implantação de políticas públicas que levaram a criação da Lei 12.764/12, lei essa que criou a Política Nacional de Proteção aos direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista, que assegura o direito do autista ao um diagnóstico precoce, a tratamento, terapias e medicamentos pelo Sistema Único de saúde (SUS), o acesso à educação e a proteção social, ao trabalho e a serviços que proporciona igualdade de oportunidades.

Em 2015, foi sancionada a Lei 13.146, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência ou Estatuto da Pessoa com deficiência.

Crianças autistas têm assegurada a educação inclusiva, cabendo ao Estado a garantia do atendimento educacional especializado, com direito à educação, preferencialmente na rede regular de ensino, com apoios e adaptações adequadas para o seu bom desenvolvimento. Esses direitos são assegurados por leis como Berenice Piana e a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), leis que consideram pessoas com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), para todos os efeitos legais, como pessoas com deficiência. Assim tendo garantido todos os direitos que PCD's possuem.

Todas as pessoas com autismo merecem acesso a tratamentos adequados, direitos esses assegurados pela LEI 9.656/98, que dispõe sobre planos e seguros de saúde, prevê obrigatoriedade de cobertura para doenças listadas pelo CID 10, que contemplam todos os tipos de transtornos de desenvolvimento psicológico, inclusive o transtorno global do desenvolvimento, do qual o autismo é subtipo. Outros direitos assegurados são, isenção de IPI (Imposto sobre Produto Industrializados) e IOF (Imposto sobre Operações Financeiras), Passe Livre nos ônibus municipais de Maracanaú e Carteira de identificação da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea),

DEFINIÇÃO DO QUE É ABA

ABA (Applied Behavior Analyses ou Análise do comportamento Aplicada) é uma aplicação científica voltada a compreender e melhorar o comportamento humano. Pode ser descrita como uma abordagem sistemática para entender comportamentos com relevância social e gerar soluções. Criada em 1987 por Ivan Louvaas, psicólogo, pesquisador e professor.

É um dos maiores pesquisadores do autismo. A ABA utiliza técnicas que possibilitam ampliar a capacidade cognitiva, motora de linguagem e de interação social. Com o objetivo de reduzir os comportamentos negativos que possam causar danos ou interferir no processo de aprendizagem. Além de auxiliar no aperfeiçoamento de habilidades básicas como olhar, ouvir e imitar, ou complexas, como ler, conversar e interagir com o outro.

Quando você tem uma criança com essa combinação – de déficit de comunicação/interação social e de comportamentos repetitivos, estereotipados e/ou interesses restritos -, por definição ela estará dentro do TEA – Transtorno do Espectro Autista. É importante frisar que não é necessário identificar o diagnóstico de autismo para se iniciar as intervenções” (GADIA, CARLOS – 2020, P. 35)

Apesar de o método parecer uma novidade por estar se popularizando com o auxílio das mídias sociais, onde há facilidade de informações e que abriu espaço para a fala de especialistas da área e para pais, terapeutas, fonoaudiólogos e uma gama de pessoas que tem trabalhado diariamente com pessoas autistas e que reconhecem a eficácia do método.

Mas os primeiros estudos científicos sobre o tema datam da década de 60. Mesmo sendo chamado comumente de método Análise comportamental é uma ciência, isso difere por que o método é um processo organizado e sistemático que se utiliza de etapas e como ela é aplicada de forma individualizada e não existe um autista igual ao outro, pois se leva em conta a singularidade de cada indivíduo.

“A análise comportamental é uma ciência e não um método. Como qualquer ciência, ela está em constante transformação e seus princípios servem para fundamentar intervenções em formatos variados.”(HOMES,Camilla – ensino de habilidades básicas para pessoas autistas – 2016, apresentação)

Em latim a palavra método(*methodus*) significa indicar um caminho para chegar a um fim, ou a um resultado. A palavra ciência deriva do latim *scientia* cujo significado é “conhecimento” ou “saber”. Ou seja, enquanto a ciência representa todo um conhecimento adquirido através do estudo, pesquisa ou praticas baseado em princípios, o método é como uma receita que indica um procedimento adequado para se chegar a um resultado. E partindo do pressuposto de que nenhum autista é igual pois cada um pode apresentar um nível diferente com características e comorbidades diferentes, não tem como utilizar um método específico, pois os princípios do comportamento serão aplicados a depender do perfil da criança autista. Não existe um “método ABA”, mas sim intervenções fundamentadas em princípios da ciência do comportamento.

Desde o final de 970 os autores mais importantes em analise comportamental descreveram sete critérios básicos para uma intervenção ABA. Devendo ser aplicada, produzindo conhecimentos para a melhoria em comportamentos; comportamental, focando o

comportamento em si para a mudança e não em algo sobre o comportamento; analítica, identificando relações funcionais entre eventos vistos nas intervenções e nas mudanças observadas no comportamento alvo; tecnológica, definindo processos de modo completo, preciso e sistemático a fim de construir um padrão que possa ser replicado; sistemática, alicerçar as descrições em princípios básicos do comportamento; efetiva, garantir que as mudanças no comportamento estejam realmente presentes e evidentes e generalidade, cuidar para que as mudanças durem e sejam visíveis nos diferentes ambientes em que a criança vive.

COMO FUNCIONA O CÉREBRO DO AUTISTA

“Em seu livro ‘Mentes Únicas – 2019’, Luciana Brites e Dr. Clay Brites ao falar sobre a história do autismo relatam que antes de ser descrito nos livros científicos, os comportamentos curiosos e estranhos entre as crianças já apareciam em textos folclóricos e contos de fadas. Que essas crianças teriam sido raptadas por fadas ou gnomos, e que deixavam no lugar uma substituta fisicamente igual, mas com uma personalidade totalmente diferente. Que esse rapto ocorreria bem cedo na vida da criança, mas a mãe não notaria tão rápido. Ela passaria a estranhar o comportamento da criança que agora seria menos afetiva, começaria a gritar, ficaria agressiva e ignoraria os pais, demonstrando assim uma mudança repentina no comportamento. Dando uma evidencia de regressão de desenvolvimento na criança.

O cérebro humano é uma completa rede organizada de funções e habilidades que concentra vários tipos de células neurais as quais centralizam as atividades especializadas em cada tarefa de nosso cotidiano. Graças aos neurônios pensamos, agimos, interpretamos, sentimos, raciocinamos e identificamos tudo o que está a nossa volta. São sustentados pelas células gliais e por elas direcionados garantindo uma arquitetura base para o amadurecimento e desenvolvimento. E durante esse desenvolvimento passamos por mortes neurais programadas a cada semestre ou ano durante os 5 primeiros anos de vida, isso é necessário para que haja uma liberação de espaço para as novas conexões, para que o cérebro se remodele e a criança de saltos adaptativos ou saltos de desenvolvimentos. Esse processo é conhecido como poda neural, se essa poda não ocorrer, o processo evolutivo sofre uma interrupção, podendo levar a uma regressão na aquisição de habilidades. É o que pode acontecer no autismo, a criança perde funções já aprendidas por conta de um congestionamento gerado pelas conexões inúteis. O que poderia dar a sensação de que a criança está diferente parecendo outra, pois comportamentos já aprendidos deixam de ser praticados, um exemplo é a criança que já tem um certo vocabulário de repente para de falar ou começa a gaguejar.

“O cérebro humano é uma complexa rede organizada de funções e habilidades que concentram vários tipos de células neurais, as quais centralizam as habilidades especializadas em cada tarefa de nosso cotidiano.” (BRITES, LUCIANA – mentes únicas, 2019, pag. 40)

O cérebro autista possui uma arquitetura desorganizada com modelagem anormal impedindo um funcionamento pleno, com pontes de ligações e ramificações neurais incompletas, desviadas, ora ativadas, ora desligadas, com conexões ora perdidas ora sobrecarregadas, não conseguindo processar corretamente as informações por conta da dessincronização, podendo demorar a realizar tarefas e processos sociais do ambiente ou por outro lado pode agilizar demais; resultando em um cérebro atípico e pouco adaptado as necessidade exigidas por relações sociais. A percepção social depende de áreas regiões do cérebro interconectadas graciosamente onde cada uma é responsável por uma função contribuinte. No cérebro autista essas funções e regiões se encontram desconectadas e desarranjadas resultando em uma dificuldade de perceber as pessoas no ambiente.

A revista eletrônica super abril de 209 fez uma publicação onde afirma que o cérebro autista é mais rápido em certas áreas, e mais lento em outros. Onde cita o estudo sobre escala de tempo neural realizado por Takamitsu Watanabe. O estudo que usou ressonância magnética descobriu que o cérebro dos autistas processa sinais sensoriais mais depressa do que o normal. Já as respostas do núcleo caudado direito, região do cérebro ligada ao aprendizado e ao controle de impulsos motores, são mais lentas. O estudo desenvolvido por cientistas britânicos e japoneses descobriu que a velocidade neural de algumas áreas do cérebro pode estar ligada aos sintomas cognitivos das pessoas com autismo.

Para entender a descoberta é preciso lembrar-se de algo obvio: as áreas sensoriais do cérebro que processam informações ligadas aos reflexos humanos, vindas dos olhos, pele e músculos, têm período de processamento curto, rápido. Já as áreas que processam informações mais complexas, como a memória, a inteligência e a tomada de decisões, respondem naturalmente de forma mais lenta. Causando assim no autista uma dificuldade de comunicação e interação social, bem como o comportamento restrito e repetitivo.

AS CARACTERÍSTICAS DO AUTISMO E COMO IDENTIFICÁ-LAS.

Segundo a OMS existem 70 milhões de pessoas com autismo em todo o mundo, no Brasil existem cerca dois milhões de pessoas. Muitas vezes a falta de conhecimento para identificar as características do transtorno pode atrasar no tratamento correto. Irei apresentar aqui as principais características e tipos.

Quem tem autismo apresenta algumas habilidades afetadas, como: a comunicação, a linguagem e a interação social, estas são as mais comuns. Alguns apresentam comportamentos repetitivos e restritivos e tem a tendência a viverem isolados. Podem ter atraso na fala quando criança e dificuldade em manter uma conversa quando maiores, tem dificuldade de participar de atividades e brincadeiras em grupo, e tem dificuldade em fazer amigos, de demonstrar os seus sentimentos e compreender os sentimentos dos outros. Locais barulhentos o podem causar perturbações e agitação, quando muda de ambiente. Pode ter fixação por objetos, ao invés de brincar, passa horas apenas olhando. Não traz objetos ou brinquedos para mostrar. Podem apresentar perda/ regressão de habilidades de linguagem previamente adquiridas. Informações retiradas a partir de análise do livro S.O.S Autismo de Mayra Gaiato

NÍVEIS DO AUTISMO

O diagnóstico do autismo é travado conforme o seu nível de gravidade ou a demanda de ajuda que cada nível precisa. Em termos de gravidade de sintomas a princípio se usava termos como leve, moderado e severo. Mas na nova versão do DSM V (Manual de Diagnostico e Estatístico de tratamentos Mentais) publicado em 2013, divide o TEA em nível 1, 2 ou 3 com base nos níveis de apoio e de intervenção que a pessoa autista precisa receber.

Nível um: necessitará de pouca ajuda/apoio;

No autismo de suporte nível um que é considerado o grau mais leve; possui características específicas como: contato visual não consistente; dificuldades na flexibilização de regras, preferindo a manutenção de padrões; problemas na interação com as pessoas, dificuldade em entender piadas, ironias, sarcasmo ou figuras de linguagem; e podem ter estereotípias, ou seja, comportamentos físicos ou verbais repetitivos; mas que precisa de pouco auxílio, pouca intervenção terapêutica para realizar as atividades da vida, pois conseguem aprender e usar recursos das orientações que recebem na maioria das vezes

Nível dois: necessitará de ajuda/apoio moderada;

O autismo de suporte dois já com níveis moderados costuma ter mais necessidades de suporte, pois apresentam maior dificuldade em seus relacionamentos sociais. Podem ou não se comunicar verbalmente, mas, geralmente tem de conversar curtas ou apenas sobre temas específicos, por isso podem precisar de suporte para participar d atividades sociais. Eles também podem apresentar comportamentos não verbais mais atípicos, evitando contato visual ou sem conseguir demonstrar emoções pela comunicação verbal e facial. Os comportamentos

mais restritivos também são comuns e podem se sentirem perturbados quando saem de suas rotinas e mudam seus hábitos diários.

Nível três: necessitará de muita ajuda/apoio.

No nível de suporte três ou severo, a dificuldade na comunicação é significativa assim como nas habilidades sociais. Os comportamentos restritivos e repetitivos atrapalham seu desenvolvimento, independente das mudanças nas atividades cotidianas. Podem ainda ser excessivamente ou pouco sensíveis a determinados comportamentos restritivos e repetitivos, como balanços e ecolalia, repetição das palavras ditas por terceiros. As pessoas com autismo severo precisam de muito suporte para aprender habilidades importantes para a vida cotidiana

COMO IDENTIFICAR O AUTISMO EM CRIANÇA EM SALA DE AULA?

Apesar de não ter qualificação para diagnosticar, o professor possui uma visão privilegiada. Consegue observar cada criança individualmente dentro do ambiente escolar e social, sendo assim um dos primeiros a levantar dúvidas sobre o desenvolvimento das crianças e um dos principais colaboradores para o diagnóstico. Para fazer essa identificação deve se levar em conta que o transtorno do espectro autista possui níveis e que existem diversas e variadas características onde a criança pode apresentar algumas ou várias características. O que uma criança com TEA apresenta, outra pode não possuir, ou seja, cada criança pode apresentar características e dificuldades diferentes que torna cada autista único.

O próprio nome – Transtorno do Espectro do Autismo – já nos dá uma amplitude e variedade. Assim como no espectro da cor é uma decomposição da cor branca, o do autismo também passa por uma variedade de sintomas nas áreas da comunicação social, e de interesses restritos e estereotipados (GAIATO, Mayra – 2018)

Em seu livro SOS autismo – 2018, Mayra Gaiato consegue traçar um paralelo entre comportamentos esperados no desenvolvimento típico e a variedade de sintomas TEA.

Na área de interação social é comum ocorrer déficits na interação que podem ocorrer das seguintes maneiras: Não se interessam por coisas que outras crianças propõem. Apresentam dificuldade em se relacionar socialmente de forma adequada. Aproximação de uma maneira não natural, robotizada e fracassam nas conversas interpessoais. Demonstrações de pouco interesse no que outra pessoa está dizendo ou sentindo. Integração pobre entre a comunicação verbal e a comunicação não verbal, contato visual e uma linguagem corporal. Dificuldade de entender a linguagem não verbal das outras pessoas, tais como expressões faciais, gestos, sinais com os olhos, cabeça e mãos. Dificuldade em se adaptar a diferentes

situações sociais como dividir brinquedos, mudanças de brincadeiras, participar de brincadeiras imaginárias.

Características relacionadas aos interesses restritos e padrões repetitivos, as crianças diagnosticadas com TEA, podem apresentar, movimentos repetitivos e estereotipados com objetos e/ou fala. Repetições de falas de filmes ou desenhos, falando sozinho sem função de interação social. Insistência em rotinas, rituais de comportamento padronizado, fixação em temas e interesses restritos. Hiper ou hiporreaçãoa estímulos do ambiente, como sons ou texturas. Sensibilidade a barulhos, cheiros, textura de objetos ou extremo interesse em luzes, brilhos e determinados movimentos repetitivos. Alteração na sensibilidade a dor onde a criança pode cair ou bater, mas parece não sentir dor. Como cada indivíduo é único a criança com TEA pode apresentar nuances diversas dentro dessas características e não precisa apresentar todos os sintomas.

O PAPEL DO PROFESSOR NO CONTEXTO ESCOLAR E COMO PROFESSOR PODE DIRECIONAR O ABA PARA A SALA DE AULA?

Mesmo com as facilidades de informações, a maioria das pessoas não sabe ao certo o que é autismo, e com essa desinformação, surgem preconceitos e generalizações. E isso tem acontecido no meio educacional com profissionais que são mal ou pouco informados sobre o autismo, dificultando o diagnóstico precoce. O professor da educação infantil tem um papel muito importante no diagnóstico precoce, por que pode oferecer subsídios para uma investigação criteriosa do TEA.

A criança com autismo pode apresentar interesses restritos, comportamentos repetitivos e dificuldades de aprender pelos métodos convencionais. A leitura científica tem indicado os bons efeitos de intervenções comportamentais intensivas para o tratamento do autismo, conhecida no Brasil com ABA.

A escola é uma parceira de jogo importante. Os professores precisam receber orientações da equipe multidisciplinar com relação ao manejo dos comportamentos do aluno autista. As crianças com autismo têm capacidade de aprender; mas muitas das vezes, o fazem de maneira diferente dos outros alunos. Precisamos garantir que ele receba o conhecimento proporcionado pelo ambiente escolar, assim como os colegas sem autismo (GAIATO, 2020, p. 113)

Apesar da intervenção comportamental deve ser planejada e supervisionada por psicólogos com formação em Análise de Comportamento Aplicada, afirmar isso não significa que somente este profissional seja responsável pela intervenção; ao contrário, ele precisará de parcerias para realizá-la, por ser um transtorno complexo e com vários aspectos a serem

trabalhados a criança autista necessitará de uma equipe com várias áreas de conhecimento e o professor com a sua área de atuação e seu conhecimento de sala de aula, o currículo e as dificuldades da criança com autismo naquele ambiente, pode influenciar fortemente no desenvolvimento dessa criança. Sendo assim o professor é um elemento importante, para OLIVEIRA,

“É processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento”. Porém o objetivo que a escola deve ter não só a parte psicológica da criança a ser desenvolvida e sim a parte educacional, em relação a sua aprendizagem. (OLIVEIRA, 1997, p.26)

Uma das formas de utilizar a ABA é através da aplicação subsidiando uma intervenção padrão. Um exemplo é o PECS - Picture Exchange Communication System é um sistema de comunicação frequentemente utilizado em indivíduos com autismo e/ou pouca fala funcional. É um sistema de comunicação alternativa que se baseia na troca de figuras para favorecer comunicação de pessoas com autismo que não falam ou que falam que apresentam dificuldades em usar a fala com função comunicativa. A metodologia PECS utiliza modelagem, ensino discriminativo, encadeamento e reforço diferencial, que são estratégias de ensino oriundas da Análise do Comportamento. A criança aprende a construir a primeira frase usando figuras: um ícone do “eu quero” mais a figura de interesse. Depois, ela aprende a expandir as sentenças usando adjetivos, verbos e preposições (“eu quero a bola azul”, por exemplo). A criança aprende a usar o PECs para responder à pergunta “o que você quer?”.

Por ser um ambiente rico em estímulos pedagógicos e sensoriais importantes para a estimulação de crianças e adolescentes com autismo. A escola possui papel significativo para o desenvolvimento dessas crianças e adolescentes. Segundo FELÍCIO

“É importante salientar que, para se educar um autista é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, a escola é, sem dúvidas, o primeiro passo para que aconteça esta integração, sendo possível por meio dela a aquisição de conceitos importantes para o curso da vida”. FELÍCIO” (2007, p. 25),

O TEA é apenas uma das características desses alunos que também possuem várias outras habilidades que algumas vezes podem ser até mais desenvolvidas do que as crianças neurotípicas. O docente precisa utilizar como estratégia de ensino buscar os pontos fortes da criança e usá-la em seu favor, potencializando a socialização e aprendizagem, ou seja, quando os interesses da criança explorando o seu hiper foco para manter a atenção e tornar atividade mais divertida, adaptar os materiais, simplificando e eliminando distratores, na sala de aula sentar a criança mais próximo a você para facilitar a monitoração e de mantê-la interessada, nas atividades pode incluí-la como seu ajudante, elogie, der materiais que ela goste, deixe as regras de sala claras e se possível com imagens, use recursos visuais, reforçadores como

carinhas felizes, adesivos, carimbos, faça uma rotina do dia com imagens pois é importante para a criança com TEA ter antecipação do que vai acontecer: eles se organizam melhor quando sabem o que esperar.

Considerações finais

Em vista dos argumentos apresentados, fruto de intensa pesquisa, vale salientar que a ABA é uma ciência e não um método infalível para educar crianças neurotípicas, e que tão pouco é obrigação do professor aplicar ABA, pois a análise de comportamento aplicada para ser efetiva deve ser aplicada de forma intensa e direta a criança, e sabendo da realidade de sala de aula é quase impossível ser realizada. Contudo não se impede de haver uma implementação, adaptando à as demandas escolares, visando ajudar ao docente a compreender melhor e entender essas crianças, sabendo-se que a análise do comportamento também pode ser usada para outras especificidades. E como estudante de pedagogia e mãe de uma criança atípica, acredito que o ABA pode ser uma poderosa ferramenta para a inclusão. O desenvolvimento de uma criança com autismo pode ser bastante interessante e desafiador. Mas não devemos desacreditar do seu avanço, ainda há muito que estudar e descobrir sobre o tema. MARTINS (2012, p.35) relata que: “não basta, porém, apenas oferecer aos alunos o acesso à escola. Necessário se faz ministrar um ensino que seja de qualidade para todos, que atenda às reais necessidades dos educandos. Em outras palavras, deve existir abertura para um trabalho pedagógico efetivo com a diferença presente nos educandos, em geral. “MARTINS (2012, p.35)

Referências

BRITES,Luciana: Mentas únicas/ Luciana Brites, Clay Brites – São Paulo: Editora Gente, 2019.

Disponível em :<https://institutoneurosaber.com.br/quais-sao-as-principais-caracteristicas-do-autismo/> . Acesso em 29 de abril de 2022

Disponível em :<https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/definicao-tea/#:~:text=O%20transtorno%20do%20espectro%20autista,repert%C3%B3rio%20restrito%20de%20interesses%20e>. Acesso em 29 de abril de 2022

Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/conheca-as-7-dimensoes-da-aba/>. Acesso em 19 de abril de 2022.

Disponível em: <https://www.aprendaautismo.com.br/sucesso-da-terapia-aba-na-sala-de-aula/>. Acesso em 18 de abril de 2022

Disponível em: <https://www.neurologica.com.br/blog/quais-os-motivos-do-aumento-da-incidencia-do-autismo/>. Acesso em 27 de março de 2022.

Disponível em: <https://www.sinopsyseditora.com.br/blog/terapia-aba-e-efetiva-no-tratamento-do-autismo-427#:~:text=ABA%20%C3%A9%20uma%20aplica%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%A4fica,gerir%20solu%C3%A7%C3%B5es%20para%20os%20mesmos.> Acesso em 19 de abril de 2022.

Disponível em: <https://youtu.be/YD-vkaTv6js>. Acesso em 04 de abril de 2022.

Disponível em: <https://www.grupomultimed.com.br/blog/multidicas/caracteristicas-do-autismo/#:~:text=Caracter%C3%ADsticas%20e%20tipos%20de%20autismo&text=atraso%20anormal%20na%20fala%20quando,interpretar%20express%C3%B5es%20faciais%20e%20gestos.> Acesso em 29 de abril de 2022

FELICIO, V. C. O autismo e o professor: um saber que pode ajudar. Bauru, 2007

GAIATO, Mayra. S.O.S. autismo: guia completo para entender o transtorno do espectro autista/ Mayara Gaiato – São Paulo: Nversos, 2018.

GAIATO, Mayra. Reizinho autista: como lidar com comportamentos difíceis/ Mayra gaiato e Gustavo Teixeira – são Paulo: Nversos, 2018

GOMES, Camila Graciella santos. Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo: manual para intervenção comportamental intensiva/Camila Graciella Santos Gomes, Analice Dutra Silveira. 1 ed - Curitiba :Appris 2016

LOBE, Koerich Busch – Propósito azul uma história sobre autismo/ Koerich Busch Lobe, André Lobe – São Paulo: nVersos, 2020.

MARTINS, l. de a. r. reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva. in_ miranda, t.g.; filho, t. a. g. (org.) o professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. salvador, edufba, 2012. p. 25- 38.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 1997

RELVAS, Marta Pires. Neurociência e transtornos de aprendizagem: as múltiplas eficiências para a educação inclusia / 7. Ed. –Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

SERRA, D. C. G. A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.

SIEGEL, Daniel J. O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionarias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar/ Daniel J. Siegel e Tina Payne Bryson